

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIGUARACÁ
GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

RAYANNA VITÓRIA DE LARA STOSKI

MANEJO ODONTOLÓGICO A PACIENTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA

GUARAPUAVA

2022

RAYANNA VITÓRIA DE LARA STOSKI

**MANEJO ODONTOLÓGICO A PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Cirurgião-Dentista pelo Centro Universitário UniGuairacá de Guarapuava.

Prof. Orientador: Daiza Martins Lopes Gonçalves

GUARAPUAVA

2022

AGRADECIMENTOS

texto

RESUMO

Stoski, R. V. de L. **Manejo Odontológico a Pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Guarapuava: Centro Universitário UniGuairacá, 2022.

O presente estudo consiste numa revisão de literatura que objetivou analisar o manejo odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso foi realizada uma pesquisa nas bases de dados online da SciELO, BVS e BDTD. Foram selecionados 65 estudos, os quais foram analisados e discutidos. Os resultados encontrados demonstraram que para cada paciente com autismo é necessário criar uma rotina e um protocolo específico para, pois cada paciente é único e possui condições únicas. O paciente com TEA deve ser atendido por uma equipe multiprofissional, que deve incluir psiquiatras, psicólogos, pediatras, dentistas, fonoaudiólogos, entre outros. Deve-se desenvolver um protocolo de manutenção preventiva para pacientes autistas, pois possuem uma dieta restritiva e, muitas vezes, cariogênica. Para isso, pode-se utilizar dos métodos TEACCH, PECS e ABA. Quando o tratamento em consultório odontológico não é possível devido às condições do paciente, é necessário que o tratamento e atendimento sejam feitos em ambiente hospitalar, onde será necessário o uso da sedação.

Palavras-chave: Autismo. Atendimento odontológico. Manejo odontológico.

ABSTRACT

Stoski, R. V. de L. **Odontological Handling for Patients with Autism Spectrum Disorder.** [Completion of course work]. Graduation of Dentistry. Guarapuava: UniGuairacá University Center; 2022.

The present study consists of a literature review that aimed to analyze the dental management of patients with Autism Spectrum Disorder (ASD). For this, a search was carried out in the online databases of SciELO, BVS and BDTD. Sixty-five studies were selected, which were analyzed and discussed. The results found showed that for each patient with autism it is necessary to create a routine and a specific protocol, because each patient is unique and has unique conditions. The patient with ASD must be attended by a multidisciplinary team, which must include psychiatrists, psychologists, pediatricians, dentists, speech therapists, among others. A preventive maintenance protocol should be developed for autistic patients, as they have a restrictive and often cariogenic diet. For this, the TEACCH, PECS and ABA methods can be applied. When treatment in a dental office is not possible due to the patient's conditions, it is necessary that the treatment and care be carried out in a hospital environment, where the use of sedation will be necessary.

Keywords: Autism. Dental treatment. Odontological handling.

LISTA DE SIGLAS

ABA	- <i>Applied Behavior Analysis</i>
APA	- <i>American Psychological Association</i>
ASD	- <i>Autism Spectrum Disorder</i>
BDTD	- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BVS	- Biblioteca Virtual em Saúde
CID	- Classificação Internacional de Doenças
DSM	- <i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
PECS	- <i>Picture Exchange Communication System</i>
PDD-NOS	- <i>Pervasive Developmental Disorder - Not Otherwise Specified</i>
QI	- Quociente Intelectual
SciELO	- <i>Scientific Electronic Library Online</i>
TEA	- Transtorno do Espectro Autista
TEACCH	- <i>Treatment and Education of Autistic and Related Communication handicapped Children</i>
TGD	- Transtorno Global de Desenvolvimento

LISTA DE TABELAS

Quadro 1	Níveis de severidade do autismo	p. 14
-----------------	---------------------------------------	-------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** Exemplo de aplicação do método TEACCH para autistas na rotina odontológica p. 17
- Figura 2** Exemplo de utilização do método PECS, aplicado ao manejo odontológico p. 18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROPOSIÇÃO	12
3 REVISÃO DE LITERATURA	13
3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	13
3.1.1 Classificação do autismo	14
3.2 PROBLEMAS BUCAIS EM PACIENTES COM TEA	15
3.3 MANEJO ODONTOLÓGICO A PACIENTES COM TEA.....	16
4 DISCUSSÃO	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Descrito pela primeira vez por Leo Kenner em 1943, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo, é um Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) que se manifesta na criança antes dos três anos de idade e compromete a interação e a comunicação da criança, pois o autista não tolera contato físico e visual e, por conta dessa falta de interação, sua fala não é desenvolvida. Também, o indivíduo com TEA tem hipersensibilidade a sons e ruídos muito altos e comportamentos que fujam à sua rotina (CARMO, 2019).

Além disso, o autista apresenta a repetição de movimentos e padronização de palavras. A pessoa autista tem dificuldade para compreender metáforas, linguagens corporais, expressões faciais ou interpretar sentimentos e afetos. O comportamento repetitivo ou estereotipado é uma das características marcantes, como por exemplo, bater palmas de forma repetitiva e descontextualizada. Outro ponto interessante é que o autista apresenta uma alta prevalência de cáries e demais doenças periodontais, pois possuem uma dieta restrita, visto que pessoas com TEA são muito seletivas em sua alimentação. Outro problema muito comum em autistas é a dificuldade na higiene bucal (SOUZA *et al.*, 2017).

Outro sintoma do transtorno é a intolerância a estímulos externos, tais como, por exemplo, sons fortes, barulhos, comportamentos inesperados que fujam à rotina. Por ser um transtorno genético, o autismo combina “[...] heterogeneidade fenotípica e o provável envolvimento de múltiplos *loci* que interagem entre si” (AMARAL, 2013).

O TEA é caracterizado não apenas por um sintoma, mas uma série de sintomas, que comprometem a interação social, pessoal, acadêmica e funcional do indivíduo. A causa não é conhecida, mas alguns teóricos ressaltam que ocorre com maior frequência (4:1) em pessoas do sexo masculino, podendo ser uma possível alteração do cromossomo Y. No entanto, cientificamente, não existe uma causa provável para o desenvolvimento do autismo (PRADO; OLIVEIRA, 2019).

No que se refere à predominância do autismo, Coimbra *et al.* (2020) ressaltam que o Transtorno do Espectro Autista é detectado principalmente durante a primeira infância. De acordo com os autores, a cada 10 mil nascidos, 20 são portadores do autismo, independentemente da etnia, classe social ou idade da mãe. Destaca-se uma maior prevalência em pessoas do gênero masculino, embora autistas do sexo feminino são mais suscetíveis no que se refere ao comprometimento cognitivo. Conforme o Manual de Diagnóstico e

Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), alguns países apresentam maior incidência do TEA, como os Estados Unidos e a Holanda (COIMBRA *et al.*, 2020).

2 PROPOSIÇÃO

O propósito do presente estudo foi fazer uma revisão de literatura acerca dos protocolos de tratamento odontológico em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, foi feita uma busca nas principais bases de dados, procurando encontrar artigos, teses e dissertações sobre a temática, vislumbrando quais os principais protocolos utilizados com sucesso por profissionais da odontologia com pacientes autistas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é classificado, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA), como um Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD). Os primeiros registros do TEA foram descritos em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler, que determinou os primeiros sinais do autismo enquanto fazia uma pesquisa sobre a esquizofrenia. No entanto, a primeira denominação oficial relacionada ao transtorno ocorreu em 1943, pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, que denominou os sintomas como Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Em seu primeiro estudo publicado, o psiquiatra relatou 11 crianças que apresentavam comportamentos diferentes das outras, o que fez Kanner suspeitar que essas crianças apresentavam uma característica inata que impossibilitava o contato social (CARMO, 2019).

O termo autismo deriva do termo do grego *authos*, “eu mesmo”, e faz parte dos Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD). Os TGD incluem diversos transtornos de ordem comportamental que interferem significativamente na vida do indivíduo, como por exemplo o autismo clássico, a Síndrome de Rett, a Síndrome de Asperger, o Transtorno Desintegrativo da Infância e o Transtorno Generalizado do Desenvolvimento Não Especificado (autismo atípico). A etiologia para o TEA não é definida, apenas se sabe que ela é ocasionada por anormalidades em algumas partes do cérebro, responsáveis pela funcionalidade do sistema límbico – responsável pelas emoções e pelas relações sociais. No entanto, as suas causas podem ter múltiplos fatores. Alguns teóricos ressaltam que o autismo ocorre com maior frequência (4:1) em pessoas do sexo masculino, podendo ser uma possível alteração do cromossomo Y, mas nenhuma evidência científica pode provar isso (CARMO, 2019; LEITE; CURADO; VIEIRA, 2019; PRADO; OLIVEIRA, 2019).

Para o diagnóstico do TEA é necessário que o indivíduo seja avaliado de acordo com critérios preconizados no CID 10, por meio de uma avaliação completa, que inclui anamnese e análise da criança, por uma equipe de especialistas, com base no relato dos pais e/ou cuidadores, observando as características comportamentais da criança. Um indivíduo com autismo irá apresentar características peculiares, podendo apresentar-se uma ou mais, de forma mais branda ou mais acentuada. Dentre essas características estão: alterações ou ausência de comunicação verbal, alteração ou ausência de interação social, comportamentos repetitivos (como bater palmas, balançar os braços, esfregar as mãos), intolerância a barulhos

ou ruídos, dificuldade em adaptar-se com mudanças de rotina, entre outros (LEITE; CURADO; VIEIRA, 2019).

Os pacientes com TEA não compreendem emoções, não entendem sutilezas, segundas intenções, ironias, paixões e tristezas. Dificilmente fazem vínculos com pessoas e são ligados a objetos e espaços onde vivem. A paciente relatada foi submetida a anestesia geral devido à extensa necessidade de tratamento juntamente com um comportamento arredio e caracterizado por uma incapacidade para colaborar (SOUZA *et al.*, 2017, p. 195).

No que se refere à predominância do autismo, Coimbra *et al.* (2020) ressalta que o Transtorno do Espectro Autista é detectado principalmente durante a primeira infância. De acordo com os autores, a cada 10 mil nascidos, 20 são portadores do autismo, independentes da etnia, classe social ou idade da mãe. Contudo, destaca-se uma maior prevalência em pessoas do gênero masculino. No entanto, autistas do sexo feminino são mais suscetíveis no que se refere ao comprometimento cognitivo. Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), alguns países apresentam maior incidência do TEA, como os Estados Unidos e a Holanda (COIMBRA *et al.*, 2020).

3.1.1 Classificação do autismo

O autismo é classificado de acordo com o nível de severidade do transtorno. Os níveis de autismo são relacionados ao quociente intelectual (QI), podendo ir de moderado a profundo. Alguns autistas podem apresentar um nível de QI elevado, ao passo que outros podem apresentar um comprometimento cognitivo grave, a depender do nível de autismo, que pode ir de 1 a 3 (quadro 3).

Quadro 1: Níveis de severidade do autismo

NÍVEL	CARACTERÍSTICAS
NÍVEL 1 (leve)	Indivíduo necessita de pouco auxílio; Apresenta problemas de comunicação, mas não é limitante; Problemas com a organização e planejamento, impede independência.
NÍVEL 2 (moderado)	Indivíduo necessita de suporte; Transtornos de comunicação; Deficiência na linguagem.
NÍVEL 3 (grave)	Pessoa necessita de um suporte e apoio maiores; Déficit grave nas habilidades de comunicação (verbais e não verbais); Dificuldade de interação social; Cognição reduzida.

Fonte: CARMO (2019, p. 16).

3.2 PROBLEMAS BUCAIS EM PACIENTES COM TEA

A prevalência de cáries em indivíduos autistas é maior, pois pessoas com esse transtorno possuem uma alimentação muito seletiva, cariogênica, ou seja, se o indivíduo prefere um tipo de alimento, irá alimentar-se apenas daquilo na maioria das vezes, sendo frequente a preferência por doces e outras guloseimas. Também, a prevalência de dentição decídua em autistas é maior. De acordo com Carmo (2019, p. 10), ao comparar a dentição decídua de uma criança com TEA e a dentição de outra criança considerada normal, “[...] na dentição decídua o índice de cárie é maior em crianças autistas, contudo, na dentição permanente o número de cáries é semelhante nos dois grupos”. No entanto, no que se refere às cáries, os autistas apresentam maior prevalência por conta da higiene bucal e periodontal. Também foram encontradas hipoplasia do esmalte, mal oclusão, casos de bruxismo, gengivites, doenças periodontais e também alguns casos de traumas associados diretamente ao TEA (CARMO, 2019).

De acordo com Santos (2019, p. 7), quando chegam ao consultório odontológico, muitas crianças autistas já têm problemas bucais, e “[...] um dos fatores para que isso aconteça é uma dieta rica em alimentos doces, na tentativa de agradar a criança ou como recompensa por uma tarefa cumprida”. Outro fator que pode influenciar na saúde bucal de crianças autistas é o uso de alguns medicamentos de longo prazo, que podem acabar prejudicando a saúde bucal desses pacientes. Nesse contexto, acredita-se na necessidade de criar protocolos que possam auxiliar na relação dentista-paciente. Para isso, é necessário que o cirurgião dentista estabeleça com o paciente uma relação de rotina e confiança, levando em conta as particularidades de cada um.

Para Barreto e Simões (2019), os principais problemas bucais, encontrados em pacientes autistas, dizem respeito aos hábitos de higiene e ao seu contexto comportamental, como por exemplo, autoagressão, bruxismo, hábito de morder objetos e/ou deglutição atípica. Também, a falta de escovação pode acarretar em vários problemas para esses pacientes. O paciente odontológico com autismo terá grandes dificuldades durante o tratamento, pois além de não conseguir interagir com o cirurgião dentista, ele também não irá tolerar o toque físico, e muito menos os ruídos e sons provenientes do equipamento necessário para o atendimento. Dessa forma, atender um paciente com TEA é um grande desafio para o profissional de odontologia (BARRETO; SIMÕES, 2019).

A relação de confiança, estabelecida entre paciente e cirurgião-dentista é fundamental, visto que, após estabelecer um vínculo de confiança com o paciente autista, o profissional de

odontologia poderá realizar os procedimentos necessários. Também é necessário que a família seja incluída na rotina de cuidados bucais do autista, a fim de prevenir prováveis problemas, evitando assim a quebra de rotina do indivíduo com TEA para ir ao consultório. Quando em atendimento, é necessário que a experiência do paciente em consultório odontológico seja a menos traumática e estressante possível (JANKOWSKI, 2017).

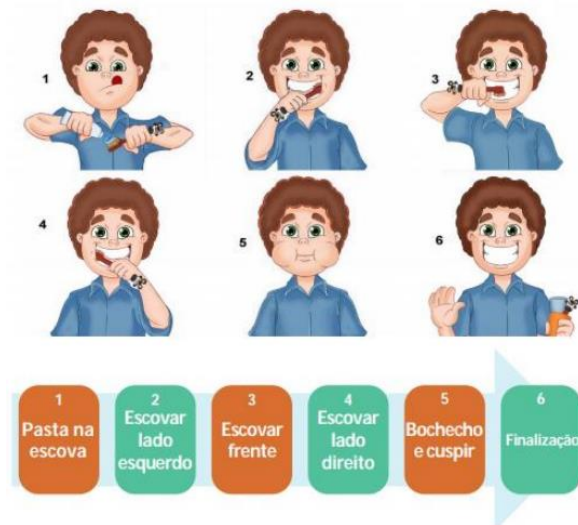
3.3 MANEJO ODONTOLÓGICO A PACIENTES COM TEA

Conforme versa Amaral (2013), a abordagem dos pacientes com autismo depende muito do seu nível (leve, moderado ou grave), pois quanto maior foi o nível, menor será a tolerância deste paciente a estímulos sensoriais. Também, quanto maior o nível de comprometimento, menor será o nível de comunicação, tolerância ao barulho e à dor, o que tornará o atendimento mais difícil. O cirurgião dentista deve estabelecer uma rotina de atendimento com o paciente, a fim de que se estabeleça um laço de confiança. Porém, o dentista deve estar ciente de que deverá ser flexível em suas abordagens e tratamentos, pois o paciente com autismo precisa de um acompanhamento diferente.

É importante que o cirurgião-dentista faça a orientação adequada aos pais e/ou responsáveis, para que atuem em conjunto, estabelecendo protocolos de prevenção oral, técnicas de higiene e para que os pais sempre acompanhem seus filhos à consulta, orientando o profissional de odontologia de acordo com as preferências e limitações do paciente. Outro ponto de suma importância abordado nas literaturas pesquisadas é que o profissional da área odontológica deve conhecer todos os aspectos do autismo, compreendendo suas limitações, dedicando-se com paciência para realizar um atendimento de qualidade (AMARAL, 2013).

Alguns métodos, como o TEACHH e o PECS são essenciais para auxiliar no manejo odontológico a pacientes com TEA. Ao aplicar o método TEACCH ao tratamento e manejo odontológico a pacientes com TEA, é possível que o dentista, juntamente com os familiares do paciente, explique e demonstre à criança autista o passo-a-passo da higienização correta dos dentes, e, a partir das ilustrações, a criança irá repetir em casa, transformando essa repetição em um padrão dentro da sua rotina. Isso leva a criança a não ser dependente dos pais para atividades simples, como escovar os dentes, por exemplo (SANT'ANNA; BARBOSA; BRUM, 2017).

Figura 1: Exemplo de aplicação do método TEACCH para autistas na rotina odontológica



Fonte: MARTINS (2020, p. 22).

Conforme versam Moreira *et al.*, (2019), o método TEACCH se baseia na avaliação PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), que leva em conta as dificuldades e os pontos fortes da criança, podendo ser um método adaptável para qualquer indivíduo. “Um dos princípios utilizados foi o reforço positivo, quando um comportamento é seguido por algum tipo de recompensa, existe uma maior possibilidade de que o comportamento seja repetido pela criança” (MARTINS, 2020, p. 21).

Outro método citado pelos autores é o ABA (Applied Behavior Analysis), que em sua tradução significa Análise do Comportamento Aplicado. Esse método, desenvolvido por Lovaas nos anos 60, tem seus fundamentos na teoria Behaviorista de Watson, cujos estudos são voltados ao comportamento, relacionando-o com o ambiente e a aprendizagem (SANT’ANNA; BARBOSA; BRUM, 2017).

O método ABA parte da “[...] avaliação inicial, definição de objetivos a serem alcançados, elaboração de programas/procedimentos, ensino intensivo e por último avaliação do progresso” (MARTINS, 2020, p. 22). Com a finalidade de remover comportamentos que são indesejáveis, o método ABA irá auxiliar para que a criança aprenda a se comportar durante a consulta odontológica. No entanto, para que esse método seja eficaz, o cirurgião-dentista deve conhecê-lo e aplicá-lo corretamente, fazendo com que a criança modifique seu comportamento e sintam-se motivada a comparecer às consultas (MOREIRA *et al.*, 2019).

O método PECS (Picture Exchange Communication System), em sua tradução Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, foi criado em 1985, e consiste em um treinamento que utiliza figuras para a comunicação, sendo um dos métodos mais utilizados com crianças autistas. Nesse método “são utilizados objetos, palavras impressas, imagens ou

combinações dos envolvidos e alguma forma de auxílio físico, como placas de comunicação, livreto e exibição dos materiais visuais” (MARTINS, 2020, p. 24). Esse método é comumente utilizado para aquelas pessoas que ainda não utilizam um método de comunicação verbal. No consultório odontológico, esse método pode ser utilizado a partir do desenvolvimento de uma sequência de imagens com o passo-a-passo da escovação, por exemplo, de forma similar ao método TEACHH (SANT’ANNA, BARBOSA; BRUM, 2017).

Figura 2: Exemplo de utilização do método PECS, aplicado ao manejo odontológico.



Fonte: MARTINS (2020, p. 24).

Já os estudos de Altoé (2019), Oliveira *et al.* (2019) e Lemos (2017) abordaram o atendimento intra-hospitalar odontológico do paciente autista. Esse tipo de atendimento é necessário quando o autista necessita de sedação para que sejam feitos os procedimentos odontológicos. Altoé (2019) relata um caso de um paciente autista, masculino, de 15 anos, que não colaborava durante a consulta por conta de suas limitações. O paciente possuía uma dieta restritiva na qual consumia apenas batata-frita, hambúrguer, massas e doces, e não tomava água, apenas refrigerantes da marca “Coca-Cola” e “Pepsi”. Dessa forma, para que o paciente fosse atendido, os pais e os profissionais de odontologia optaram pelo atendimento hospitalar, onde o paciente recebeu sedação geral com Fentanil (2mg/kg) e Propofol (2mg/kg).

Após a sedação, foi constatado que o paciente tinha os seguintes problemas odontológicos:

[...] cárie oclusal no dente 16, cárie oclusal e distal no dente 46, cárie oclusal e distal no dente 26. Os dentes 54, 63, 73 e 83 eram dentes decíduos necessitando de extração. Além disso, os segundos molares direito e esquerdo não estão erupcionados, e o segundo molar superior esquerdo estava erupcionando (ALTOÉ, 2019, p. 8).

Sendo assim, foram realizados os procedimentos necessários. A equipe optou pela extração dos dentes que necessitavam de tratamento de canal, visto que não seria indicado ao paciente retornar mais algumas vezes para a sedação. Oliveira *et al.* (2019) e Lemos (2017) abordam também a necessidade de sedação, no entanto, desenvolveram uma cartilha para pais e dentistas, com dicas de prevenção odontológica, evitando assim o atendimento hospitalar do paciente. Adicionalmente, Lemos (2017) criou um protocolo de atendimento aos pacientes autistas, mas ressalta a necessidade de que cada paciente é único, e precisa de um atendimento personalizado. O estudo de Predebon *et al.* (2013) também desenvolveu uma cartilha com um protocolo de atendimento a pessoas autistas em consultório odontológico.

4 DISCUSSÃO

Das literaturas pesquisadas, Martins (2020), Moreira *et al.* (2019) e Sant'Anna, Barbosa e Brum (2017) abordaram três métodos facilitadores utilizados com pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e comprovaram sua igual eficácia. Os métodos abordados pelos autores supracitados foram o TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), que em sua tradução para o português seria Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação. Esse método foi criado em 1966, na Universidade da Carolina do Norte, pelo Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina (MARTINS, 2020).

Outros autores apostam na abordagem psicológica ao atender pacientes com TEA, como Santos (2018), Ferreira *et al.* (2021) e Fiuza (2021). Ferreira *et al.* (2021) versam que para o atendimento de uma pessoa com autismo é necessário que a abordagem seja humanizada e seja feita por profissionais capacitados. Para isso, é necessário que a criança seja atendida por uma equipe multiprofissional que trabalhe em sincronia, composta por pediatra, psiquiatra, neurologista, que trabalhem em consonância com profissionais da psicologia, pedagogia, odontologia, fonoaudiologia, fisioterapia, entre outros, a fim de definirem a melhor abordagem para cada paciente.

Cada paciente autista tem um padrão único e individual, seja no que se refere ao comportamento, seja no que tange à comunicação. Dessa forma, durante o atendimento odontológico, é preciso que o profissional saiba a necessidade e os padrões de seu paciente. O ambiente também deve ser tranquilo, calmo, com poucos ruídos, com a entonação vocal dos presentes de forma controlada. Santos (2018) versa que é preciso que a rotina e hábitos, durante a visita ao dentista sejam mantidos, como a repetição dos movimentos da rotina de escovação, fio dental, entre outros.

Fiuza (2021, p. 17) preconiza que o dentista deve “[...] manter contato visual com o paciente, pois contato olho no olho transmite segurança, para isso o profissional também pode usar jalecos coloridos, gorro com desenhos e óculos maiores e com cores chamativas”. O contato visual deve ser mantido mesmo que o autista não mantenha contato. Ademais, o paciente deve sentir-se seguro durante o atendimento.

Com este pensamento, Santana *et al.* (2020) afirmam em seu estudo a necessidade de que o atendimento odontológico seja personalizado. Os autores observaram que, devido à grande sensibilidade a estímulos exteriores e a ruídos, os pacientes com TEA acabam ficando incomodados durante a consulta. Conforme os autores:

Esse tratamento representa um desafio para o paciente, para o dentista e para os cuidadores, visto que não existe nenhum perfil de comportamento específico que permita antecipar a reação destes indivíduos no decorrer do atendimento. As atitudes indesejadas podem ocorrer por causa da alteração na rotina e no ambiente, além da presença de medo e ansiedade, que podem iniciar antes mesmo da chegada ao consultório (SANTANA *et al.*, 2020, p. 159).

Por fim, o estudo de Lemos (2017) buscou fazer um levantamento de dados dos pacientes autistas atendidos pelo Núcleo de Odontologia Hospitalar HU-UFSC – Pacientes com Transtornos Neuropsicomotores, pela Cirurgiã Dentista *staff* do referido hospital. Foram selecionados um total de 68 prontuários, sendo 53 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. A faixa etária dos atendimentos hospitalares odontológicos variou entre 3 e 35 anos. Os pacientes revelaram outras condições associadas à TEA, como deficiência intelectual, síndrome de Down, epilepsia, entre outras, totalizando 20 condições associadas. A partir da avaliação dos dados obtidos, o autor mostrou ser possível identificar pacientes para treinamento psicoeducacional, a fim de ser trabalhada uma abordagem específica, evitando a sedação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais enfoques encontrados nos estudos selecionados revelaram que o paciente autista deve ser acompanhado por uma equipe multiprofissional, incluindo nela um cirurgião-dentista. É necessário que o dentista estabeleça com o paciente uma rotina e também laços de confiança. A abordagem psicológica muitas vezes é necessária, e para isso, deve-se contar com a presença de um profissional capacitado.

O paciente com TEA é sensível a mudanças de rotina, ruídos, movimentos bruscos e ao toque. Dessa forma, muitas vezes o atendimento em consultório não é possível, e nesses casos deve ser realizado o atendimento hospitalar odontológico. O atendimento odontológico em ambiente hospitalar consiste na abordagem do paciente por meio da sedação e intubação. No entanto, o atendimento hospitalar é utilizado em último caso. Para que isso não ocorra, o profissional de odontologia deve trabalhar em consonância com a família do paciente, a fim de atuarem com métodos e técnicas preventivas, como o método TEACCH, PECS e ABA.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Gabriela. **A importância do atendimento odontológico em pacientes autistas**. Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. Maringá, 2019. Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/5302>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

AMARAL, Laís David. **Comportamento de profissionais de saúde e familiares na abordagem integral das necessidades da saúde bucal de autistas em São José do Rio Preto**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13849>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BARRETO, Clara Rios Guimarães; SIMÕES, Nayane Rose Ramos. **Manejo psicológico para tratamento odontológico em paciente autista: relato de caso**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2019.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CARMO, Gessica Marinho. **Tratamento odontológico em pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/9957>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

COIMBRA, Bruna Santiago; SOARES, Daniely Cristina Lacerda; SILVA, Joelma Andrade da; VAREJÃO, Lívia Coutinho. Abordagem odontológica a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA): uma Revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n.12, p. 94293-94306, dez. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20933>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

FERREIRA, Maleide Lopes; LEITÃO, Karolline Mendes Bitencourt; FERREIRA, Mônica Beatriz Portela; PAIVA, Daniel Felipe Fernandes; RIBEIRO, Pedro José Targino; CAROLINO, Rodolfo Abreu. Um jeito único de sorrir: atendimento odontológico aos pacientes com transtorno do espectro autista – revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e47110414299, 2021. Disponível em: <https://redib.org/Record/oai_articulo3174847-um-jeito-%C3%BAnico-de-sorrir-atendimento-odontol%C3%B3gico-aos-pacientes-com-transtorno-do-espectro-autista-%E2%80%93-revis%C3%A3o-integrativa-da-literatura>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FIUZA, Tatiana de Cassia Neves. **Atendimento odontológico a pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Centro Universitário Guairacá, Guarapuava, 2021. Disponível em: <http://200.150.122.211:8080/jspui/bitstream/23102004/270/1/Atendimento%20odontol%C3%B3gico%20a%20pacientes%20com%20transtorno%20do%20espectro%20autista.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

JANKOWSKI, Izabela Spada. **A criança autista e a odontopediatria**. 2013. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/TCC2013/IZABELA%20SPADA%20JANKOWSKI.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

LEITE, Raíssa de Oliveira; CURADO, Marcelo de Moraes; VIEIRA, Letícia Diniz Santos. **Abordagem do paciente TEA na clínica odontológica**. 2019. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/154/1/Ra%C3%ADssa_Oliveira_0008086.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

LEMOS, João Paulo da Cruz. **Caracterização dos pacientes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista atendidos no núcleo de odontologia hospitalar do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago – HU – UFSC**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176222>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MARTINS, Beatriz Pinheiro. **Métodos facilitadores para o atendimento odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista – TEA**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Universidade Estadual do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16515/1/TCC%20BEATRIZ%20P.%20MARTINS.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MOREIRA, Francine do Couto Lima; MARTORELLI, Leandro Branbilla; GUIMARÃES, Mariana Barbosa; DIAS, Andreia Diniz; CONSORTE, Lara Campos Jaime. Uso do TEACCH como coadjuvante ao atendimento odontológico em pacientes com autismo: relato de caso. **Scientific Investigations in Dentistry**, n. 24, v. 1, p. 38-46, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/scientificinvestigationindestist/article/view/3782>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

OLIVEIRA, Joana Alves de. **Desafios encontrados por pais e cirurgiões dentistas durante a abordagem odontológicas em pacientes autistas**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uniube.br/handle/123456789/988>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

PRADO, Maria Eduarda de Oliveira; OLIVEIRA, Renata Silva. **Atendimento ao paciente com transtorno do espectro autista na clínica odontológica**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Departamento de Odontologia, Universidade de Taubaté, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/1180?mode=full>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

PREDEBON, Aline; DAROLD, Franciele Fátima. Método educacional para autistas: reforço alternativo para o tratamento odontológico utilizando o sistema de comunicação por figuras. **Anais da IV Jornada Acadêmica de Odontologia**, v. 1, n. 1, p. 85–98, 2013. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acaodonto/article/view/3792/2024>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SANT'ANNA, Luanne França da Costa; BARBOSA, Carla Cristina Neves; BRUM, Silêno Correa. Atenção à saúde bucal do paciente autista. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 8, n. 1, p. 67-74, 2017. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/533>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SANTANA, Lavínia Mendes; LEITE, Gilvânia de Jesus Freitas; MARTINS, Mariana Araújo; PALMA, Adriana Benquerer Oliveira; OLIVEIRA, Carolina de Castro. Pacientes autistas: manobras e técnicas para condicionamento no atendimento odontológico. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 155-165, dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22820>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SANTOS, Camila Marcelino Dias. **Manejo de pacientes com Transtorno de Espectro Autista em odontologia**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/3870/1/TCC%20CAMILA%20DIAS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

SANTOS, Larissa Sthefani Sales. **Atendimento odontológico em pacientes autistas**. 2018. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/TCC2018/Larissa%20Sthefani%20Sales%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

SOUZA, Tathiana do Nascimento; SONEGHETI, Juliana Viegas; ANDRADE, Lucia Helena Raymundo de; TANNURE, Patrícia Nivoloni. Atendimento odontológico em uma criança com Transtorno do Espectro Autista: relato de caso. **Revista de Odontologia da Universidade da Cidade de São Paulo**, 29, n. 2, p. 191-197, 2017. Disponível em: <http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/maio_agosto_2017/Odonto_02_2017_191-197%201.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2021.